

# A MORTE DE EMPÉDOCLES

*PRIMEIRA VERSÃO*

## PRIMEIRO ACTO

*PRIMEIRA CENA*

*Panthea. Délia.*

PANTHEA

Eis o seu jardim! Naquela secreta  
Escuridão onde a fonte jorra estava ele  
há pouco, quando por aqui passei — tu  
nunca o viste?

DÉLIA

Ó Panthea!  
Apenas desde ontem me encontro na Sicília  
Com meu pai. Porém outrora, quando

era criança, vi-o  
num carro de  
combate durante os Jogos de Olímpia.  
Nesse tempo muito se falava dele e o seu nome  
gravou-se-me na memória.

## PANTHEA

Tens de vê-lo agora, agora!  
Diz-se que as plantas o olhavam,  
atentas, quando ele passeava, e as águas subterrâneas  
ascendiam aos pontos tocados pelo seu bastão!  
Tudo isso pode ser verdade!  
E quando ele olha o céu durante as trovoadas  
a nuvem divide-se e o dia alegre  
surge no seu esplendor. Porém,  
de que serve dizê-lo? Tens de vê-lo com os teus próprios olhos!  
Um momento que seja! E depois afastar-te! Eu própria o evito,  
nele habita um terrível ser que tudo transforma.

## DÉLIA

Como é a sua relação com os outros? Nada entendo  
do que se refere a este homem.  
Terá ele, como nós, dias vazios  
em que parece que somos velhos e sem importância?  
Existirá para ele também o sofrimento humano?

## PANTHEA

Ai! a última vez que o vi  
À sombra das suas árvores, padecia certamente  
De uma dor profunda no seu ser — esse ser divino  
Em anelo maravilhoso, de perscrutante olhar entristecido  
Como se tivesse perdido muito, ora dirigindo-o  
Para baixo, para a Terra, ora erguendo-o através  
Da penumbra do bosque, como se lhe tivesse fugido a vida

Para a azul distância, e a humildade  
Do seu rosto majestoso apoderou-se  
Do meu coração em luta — também tu tens o teu ocaso,  
Belo astro! E já não tarda!  
Foi esse o meu pressentimento.

DÉLIA

Já com ele também  
Falaste, Panthea?

PANTHEA

Que coisas trazes à minha memória! Não há muito tempo  
encontrava-me eu prostrada com uma doença mortal. O dia claro  
extinguiu-se a meus olhos e o mundo  
oscilava à volta do Sol como uma sombra sem vida.  
Então, meu pai, apesar da sua funda inimizade  
para com o grande homem, chamou-o, a ele,  
O confidente da Natureza, em hora de desespero,  
e quando o magnífico me deu a beber  
a poção curativa, a minha vida que lutava com a morte  
uniu-se em mágica conciliação, e como  
regressada a uma infância  
doce e irreflectida dormi, em vigília, durante muitos dias,  
E mal precisava de respirar. E quando  
então, com fresco agrado, o meu ser se abriu pela primeira vez  
e de novo, ao mundo tanto tempo ausente e o meu  
olhar se abriu com juvenil avidez à luz do dia,  
Ali se encontrava Empédocles! diante de mim de modo tão  
divino e tão presente! no sorriso esboçado nos seus olhos  
voltava a florir para mim a vida! ai,  
como o meu coração corria como uma pequena nuvem da manhã  
ao encontro da luz doce das alturas e eu era o seu  
meigo reflexo.

DÉLIA

Ó Panthea!

PANTHEA

O som que lhe saía do peito! Em cada sílaba  
soavam todas as melodias! E o  
espírito contido na sua palavra! A seus pés  
gostaria de me sentar, horas a fio, como sua discípula,  
sua filha, contemplar esse seu éter e  
para ele exultar de alegria, até na altura  
do seu Céu se perder o meu pensamento.

DÉLIA

Que diria ele, minha cara, se o soubesse!

PANTHEA

Ele não o sabe. Ele que de nada precisa vive  
No seu próprio mundo. Em suave e divino sossego passa  
Pelas suas flores e os ares não  
Ousam perturbar aquele que é feliz,  
e dele próprio brota,  
Em crescente alegria o entusiasmo,  
Até que da noite do encanto  
Criador o pensamento salta como uma chispa,  
E alegremente os espíritos de feitos futuros  
Se comprimem na sua alma, e o mundo,  
A vida em fermentação dos homens e a ainda maior  
Natureza à sua volta surgem: então ele sente-se  
Como um deus no seu elemento e o seu prazer  
É o cântico celeste, mas também sai  
Ao encontro do povo em dias em que a multidão  
Se enche de clamores e o tumulto irresoluto  
Carece de alguém mais poderoso;  
Então ele reina, esse magnífico piloto,

E ajuda-os e quando inteiramente  
O vêm até à saciedade, querendo habituar-se  
Àquele que será sempre um estranho, antes de se aperceberem  
Ele desaparece. O mundo sereno das plantas  
Recolhe-o nas suas sombras, onde ele se sente melhor,  
E essa vida misteriosa está presente  
Em todas as suas forças.

DÉLIA

Ó loquaz! Como estás a par de tudo isso?

PANTHEA

Penso muito nele — quanto me faltará  
Ainda pensar? E quando o tiver  
Compreendido de que servirá? Ser ele próprio é  
A própria vida e nós apenas somos o sonho que o deseja.  
O seu amigo Pausânias também já muito me contou  
Acerca dele — esse seu discípulo vê-o  
Diariamente e certamente mais orgulhoso está Pausânias  
Do que a águia de Júpiter — assim o creio!

DÉLIA

Não posso censurar o que dizes, minha cara,  
Mas a minha alma enche-se misteriosamente de tristeza  
No que a isso respeita e gostaria de ser como tu,  
Mas por outro lado não gostaria. Sois então todos  
Assim nesta ilha? Nós também nos orgulhamos  
De homens grandiosos e um há  
Que é agora o sol das atenienses,  
Sófocles! A quem de todos os mortais  
Em primeiro lugar apareceu a mais magnífica Natureza  
Das Virgens e se entregou à sua alma  
Como lembrança pura  
cada uma deseja ser um